

A RESPEITO DE UMA EDIÇÃO SINÓPTICA: A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO EDITORIAL PARA O ESTUDO DA DRAMATURGIA CENSURADA DE ROBERTO ATHAYDE

Fabiana PRUDENTE

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

RESUMO

*Analisa-se a tradição do texto teatral *Apareceu a Margarida*, materializada em um conjunto de versões produzidas em diferentes períodos e cidades brasileiras, a fim de propor um modelo editorial que considere os diferentes momentos/estados do texto e sua história. Por compreender os testemunhos de uma obra como indivíduos históricos, inseridos em uma determinada configuração sociocultural, propõe-se, no campo da Crítica Textual em perspectiva sociológica, a elaboração de uma edição sinóptica (em suporte papel e eletrônico), cujos critérios se apresentam neste trabalho, buscando evidenciar as diferentes versões de *Apareceu a Margarida* em confronto e cada testemunho tomado em sua especificidade.*

ABSTRACT

*It's analyzed the tradition of the theatrical text *Apareceu a Margarida*, materialized in a set of versions produced in different periods and in different Brazilian states, to propose an editorial model that considers the different times/states of the text and its history. By understanding the testimonies of a work as historical individuals, embedded in a particular sociocultural setting, it is proposed, in the field of Textual Criticism in a sociological perspective, a synoptic edition (paper and electronic), whose edition features are presented in this paper, seeking to highlight the different versions of *Apareceu a Margarida* in confrontation, and taking each testimony in its specificity.*

PALAVRAS-CHAVE

Crítica Textual em perspectiva sociológica. Edição sinóptica. Tradição textual.

KEYWORDS

Textual Criticism in a sociological perspective. Synoptic edition. Textual tradition.

Introdução

Em 1971, auge da ação censória do regime ditatorial brasileiro, retornou ao Brasil Roberto Athayde, (aos vinte e um anos de idade) que contava com vinte e um anos. Nascido em uma família de escritores cariocas (destacando-se seu pai, o cronista imortal Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras), Roberto Athayde viveu nos Estados Unidos desde os seus dezessete anos onde teve oportunidade de estudar música, chegando a almejar a carreira de compositor. A sua experiência na faculdade de música da Universidade de Michigan apontou-lhe, entretanto, outro talento: a escrita dramática.

Avaliada como uma das peças teatrais de maior penetração internacional da história da língua portuguesa (ATHAYDE, 2003), *Apareceu a Margarida* é considerada a obra-prima do autor, com mais de duzentas produções ao redor do mundo, com traduções para cinco línguas¹. Neste monólogo, apresenta-se uma professora autoritária e intempestiva que subjuga a sua turma (a plateia), propondo-lhes ensinar “os fatos da vida” (ATHAYDE, 2003: 122). A personagem personifica instituições repressoras e, no contexto da sua produção, o próprio regime militar, apresentando suas contradições e impondo-se diante da plateia violentamente. Seu discurso é entrecortado por picos de agressividade e de candura, o que caracteriza o perfil esquizofrênico e contraditório das escolas, desconectadas da realidade político-social do país.

Da ampla tradição de *Apareceu a Margarida*, selecionaram-se, para a realização deste trabalho, sete testemunhos: dois impressos, dois datiloscritos produzidos no Rio de Janeiro, anteriores à primeira

¹ Athayde (2003) informa que o texto foi traduzido para espanhol, inglês, francês, italiano e grego.

publicação e à primeira encenação da peça, e **três** datiloscritos identificados na Bahia (em Salvador e em Feira de Santana). Todos os testemunhos são identificados através de siglas formadas pela categoria do texto (obra publicada/OP, ou datiloscrito/D), seguida dos dois últimos algarismos do ano de produção/publicação, com indicação da sigla da cidade de produção do datiloscrito (optou-se por não indicar a cidade no caso das obras publicadas por considerá-las de repercussão nacional).

Assim, têm-se duas publicações em livro: uma datada de 1973, pela Editora Brasília (OP73), e outra mais recente, de 2003, na coletânea *As peças precoces: Apareceu a Margarida e outras*, publicada pela Editora Nova Fronteira (OP03). Registram-se também dois datiloscritos produzidos no Rio de Janeiro: o primeiro, datado de setembro de 1971, tem o título *A Esquisofazia Didática ou Do que Aterra, Margarida* com assinatura de punho do próprio autor, com o endereço da residência de seus pais, no Cosme Velho (D71RJ); o segundo, encadernado como livro, ainda com o mesmo título de D71RJ, produzido pela Alpha Produções Artísticas (D73RJ). Observa-se a existência de três *scripts* datiloscritos produzidos na Bahia: um datiloscrito de 32 folhas, com cortes, em que se registra, na primeira folha, “*Salvador, abril de 1975 / Bahia*” (D75SA); um datiloscrito com 13 folhas, com texto em reto e verso, cujos certificados de censura indicam ser de Feira de Santana, datado de 1980 (D80FS); e um datiloscrito de 20 folhas, cuja data e localização também foram recuperadas pelos certificados de censura, que indicam ser de Salvador, ano de 1983 (D83SA).

Os três datiloscritos da Bahia estão arquivados em acervos teatrais de Salvador, como o Núcleo de Acervo do Espaço Xisto Bahia e o Acervo da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, além de estarem inseridos do Arquivo Textos Teatrais Censurados, organizado pela Equipe Textos Teatrais Censurados². O *script* D73RJ consta no

² A realização deste trabalho insere-se na produção da **Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC)**, sob a coordenação da Profa. Dra. Rosa Borges (UFBA), do **Grupo de Edição e**

acervo pessoal de Roberto Athayde e foi disponibilizado pelo próprio autor. Das duas publicações, adquiriu-se OP73 através de compra em sebos virtuais, ao passo que OP03 é facilmente encontrada em livrarias. O datiloscrito de 1971 foi localizado em pesquisa encomendada ao Arquivo Nacional – DF, que disponibilizou os certificados de censura, documentos federais relativos ao texto e cópias de todas as versões produzidas no Brasil e encaminhadas aos órgãos de censura até o ano de 1988, quando houve a alteração da Constituição Federal e revogou-se a censura prévia.

Por atravessar a história e permanecer em cena em diferentes países após quatro décadas, a obra de Roberto Athayde universaliza-se em seu processo de transmissão, justificando-se como *corpus* de um estudo que evidencia o texto na história, em diferentes lugares e momentos. Contribuindo para os estudos no âmbito da Crítica Textual, defendendo sua natureza interdisciplinar e em perspectiva sociológica, justifica-se a relevância do trabalho aqui proposto por dois motivos: primeiro, por desenvolver o estudo do texto como processo que se realiza ao longo de uma história, sugerindo a utilização de novas técnicas de trabalho e mudanças de atitude do editor; segundo, por possibilitar a recuperação do patrimônio cultural escrito, através de atividades filológicas.

1. O texto como evento social: a Crítica Textual em perspectiva sociológica

Diante da preocupação em compreender a historicidade dos textos, consideram-se abordagens distintas sobre o escopo de trabalho

Estudo de Textos (GEET), desenvolvido no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Ao catalogar e organizar textos localizados em Acervos de Teatro, a ETTC desenvolve seu objetivo primordial, que é recuperar o patrimônio cultural escrito, através do estudo da produção e transmissão dos textos, bem como das diferentes relações que se estabelecem entre os autores e a censura. É tarefa da ETTC analisar os diversos processos de produção teatral de resistência, empreendidos por cada autor em particular, no contexto cultural dos “anos de chumbo”, analisando, ainda, a história de tais textos e suas diferentes apropriações (se houver), a fim de oferecer, com base nesses estudos, textos autorizados, restituídos através do preparo de edições diversas.

filológico, o que promoverá profundas modificações nas teorias editoriais formuladas pela Crítica Textual, de tal modo que, pela caracterização de seus objetos, distinguem-se Crítica Textual Tradicional e Crítica Textual Moderna. No primeiro caso, o crítico trabalha com textos desprovidos de um original, como afirma Castro (1990: 98), “removidos da forma autoral por numerosas operações de cópia, cujas sucessivas actualizações procura identificar e neutralizar”; no segundo caso, trabalha-se com textos com múltiplos originais, considerando tratar-se de um período (século XVIII em diante) em que se estabelece uma noção de autoria e os escritores passam a guardar os documentos referentes ao seu processo de criação. Além disso, a imprensa ampliou a sua produtividade e passou a ser responsável pela circulação e transmissão de muitos textos, criando, frequentemente, novas versões.

Observa-se que, para as duas críticas, têm-se métodos e objetivos distintos de trabalho. À Crítica Textual Tradicional interessa a busca por um arquétipo inexistente, reconstituído a partir de sucessivas aproximações e comparações entre os textos de que dispõe o crítico, resignado “a não publicar mais que um arquétipo hibridado da tradição restante, cuja distância em relação ao original não se pode avaliar” (CASTRO, 1990, p.98). A Crítica Textual Moderna, por sua vez, ao tomar para análise textos cujos originais abundam, interessa-se pelo processo histórico de construção e divulgação das obras, pondo em questão a noção de autoridade e de texto como objeto estanque, buscando compreender a dinâmica da textualidade através do estabelecimento de uma cronologia da gênese e de transmissão. Assim, do trabalho das duas modalidades da Crítica Textual, resultam produtos editoriais diversos, seguindo métodos que, ao longo do tempo, são modificados e/ou refutados.

O modelo editorial clássico, proposto pelo alemão Karl Lachmann (1850), foi fundamental para o estabelecimento do método filológico, cujas etapas se apresentam como *recensio*, *collatio*, *emendatio* e *constitutio textus*. Da crítica aos critérios lachmannianos emergiram novas proposições

metodológicas, como a de Joseph Bédier (1889), que identificou que, em alguns casos, o *stemma codicum* não é aplicável para a escolha do texto de base, de modo que esse deverá ser selecionado segundo a sua teoria do “bom manuscrito”, desapegada da busca lachmanniana pelo testemunho mais antigo.

O trabalho do filólogo italiano Giorgio Pasquali (1934) merece destaque ao se propor a observar os testemunhos como indivíduos históricos que “poseen una específica fisionomía cultural, razón por la cual la crítica del texto há de ir acompañada de la historia de la tradición”³ (PÉREZ PRIEGO, 1997: 36). Pasquali construiu um novo olhar sobre as variantes, que passaram a se distinguir entre variantes de copistas e variantes autorais, na chamada crítica das variantes, cuja fundamentação foi desenvolvida por Gianfranco Contini (1947) e nos estudos de Michele Barbi (1994[1938]), que propôs uma “nova filologia” que tomasse como objeto de estudo não apenas autores medievais, mas também modernos.

Deste ponto em diante, é possível observar uma tendência das escolas francesa e alemã, que, através da Crítica Genética, vêm buscando estudar a gênese e o desenvolvimento textuais, o que as distingue da escola anglo-americana, a qual busca fixar texto na edição. A respeito dessa última, abordam-se duas teorias editoriais que polarizam os trabalhos nesse campo: a teoria intencionalista, de Walter Greg (1950); e a sociológica, de Donald Francis McKenzie (1985) e Jerome McGann (1983).

1.1 A Teoria Intencionalista

Conhecida como teoria do *copy-text*, a proposta fixada por Greg (1966 [1950]) objetiva tomar como texto de base o modelo que melhor se aproxima da intenção final do autor. McGann (1983) aponta para os problemas e armadilhas que se evidenciam no caminho da crítica

³ Tradução livre: “possuem uma específica fisionomia cultural, razão pela qual a crítica do texto, deve ir acompanhada da história da tradição”.

intencionalista, destacando que

[...] authors demonstrated a number of different wishes and intentions about what text they wanted to be presented to public, and these differences reflect accomodations to changed circumstances, and sometimes to changed publics⁴ (MCGANN, 1983: 32).

Nesse caso, é possível pensar que as intenções autorais estão sujeitas a uma série de fatores sócio-históricos, de modo que se pode falar em múltiplas intenções, ou, como afirma o próprio Greg (apud MCGANN, 1983: 30): “authority is never absolute, but only relative”⁵. Assim, distinguem-se as variantes de transmissão entre *accidentals* (não intencionais) e *substantives* (modificações inseridas no texto com objetivo de modificá-lo).

Em 1975, Fredson Bowers, dando continuidade ao trabalho empreendido por Greg, desenvolveu a teoria da intenção autoral final, enquanto Thomas Tanselle, em 1975, problematizou a necessidade de se seguir o *copy-text* de modo estrito.

Philip Gaskell (1972), por sua vez, analisou que o texto final pode corresponder a apenas mais uma fase do processo de redação, afirmando que, em alguns casos, o manuscrito primeiro pode ser mais próximo da vontade autoral que o texto final, em que se percebe a possibilidade de submissão à ação de revisores e críticos diversos. Por isso, Gaskell admitiu a correção da pontuação e grafia, apesar de portar-se como historicista (LOURENÇO, 2009: 213).

Diante disso, Hans Zeller (1975) defendeu que as fases de redação não se organizam necessariamente em uma ordem hierárquica e cunhou o termo *versão*, sugerindo que “[...] texts frequently exist in several

⁴ Tradução livre: “[...] autores demonstraram um número de diferentes desejos e intenções a respeito de qual texto eles gostariam que fosse apresentado ao público, e essas diferenças refletem acomodações a circunstâncias diversas e, às vezes, a públicos diversos”.

⁵ Tradução livre: “[...] autoridade nunca é absoluta, mas apenas relativa”.

versions no one of which can be said to constitute itself the ‘final’ one”⁶ (MCGANN, 1983: 32). Para Zeller, a cada nova versão, observa-se uma nova intenção, de modo que “a regra da intenção final não pode ser seguida em todas as circunstâncias” (LOURENÇO, 2009: 217).

As questões levantadas por Gaskell e Zeller fazem germinar duas ideias que se enraizaram no desenvolvimento da crítica sociológica: primeiro, a de que diferentes agentes atuam no processo de produção e inserem elementos no texto ao longo do processo de transmissão; segundo, a de que as intenções autorais mudam a depender do contexto. Assim, buscar a intenção final do autor evidencia uma visão teleológica das obras, própria da crença de que o texto é produzido para um fim específico que consolidará uma forma fixa a ser difundida (DUARTE, 1995).

1.2 A Teoria Sociológica

A noção de texto como evento social emergiu na perspectiva da Crítica Sociológica, a partir da noção de que “the dynamics social relations [...] always exist in literary production”⁷ (MCGANN, 1983: 81). Percebendo os problemas da teoria no trabalho com as instabilidades textuais, McGann (1983) avaliou a necessidade de construir uma noção de autoria ligada a um contexto social e cultural⁸.

McGann concebeu a obra como um conjunto de textos de autoria de diferentes intervenientes que não deve ser considerada desvinculada de um contexto histórico e cultural (LOURENÇO, 2009). Em sua percepção, o trabalho do crítico textual é constituído de um estudo em perspectiva histórica e o resultado do seu trabalho é também histórico:

⁶ Tradução livre: “[...] os textos existem frequentemente em várias versões, nenhuma das quais pode-se dizer que se constitui a versão final”.

⁷ Tradução livre: “[...] a dinâmica das relações sociais [...] sempre existiu na produção literária”.

⁸ Afirma McGann que “for an editor and textual critic the concept of authority has to be conceived in a more broadly social and cultural context” (MCGANN, 1983: 84). Tradução livre: “para um editor e crítico textual, o conceito de autoria deve ser concebido em um contexto social e cultural”.

The critical edition is a historical edition, as we are often reminded. This means that (a) the method of investigating the text is carried out along historical lines, and (b) the actual edition will present, in its formatting operations, the evidence showing the historical development of the work from its originary moment to the present⁹ (MCGANN, 1983: 90).

Na concepção de Marquilhas (2010), a Filologia, desde sua perspectiva mais tradicional, tem caráter historicista, o que se observa pela tarefa de “desfazer, remontando à origem, a acumulação das memórias que transpareciam na tradição textual” e buscar a genealogia do texto. A seu ver, a Sociologia dos Textos e a Crítica Genética conservam esse caráter histórico, valorizando o processo de transmissão e/ou criação, respectivamente, evidenciados na materialidade dos textos.

A discussão iniciada por McGann ganhou forma com McKenzie (1999 [1985]) que definiu a Sociologia dos Textos como disciplina “that studies texts as recorded forms, and the processes of their transmission, including their production and reception”¹⁰ (MCKENZIE, 1999 [1985]: 12). No campo dos estudos bibliográficos, McKenzie identificou a bibliografia com “the study of the sociology of texts”¹¹ (1999 [1985]: 13), tomando para análise todas as formas de textos para estudar

[...] the reasons why texts were written and read as they were, why they were rewritten and redesigned, or allowed to die¹² (MCKENZIE, 1999 [1985]: 13).

⁹ Tradução livre: “a edição crítica é uma edição histórica, como somos frequentemente lembrados. Isto significa que (a) o método de investigação do texto é construído em linhas históricas e (b) a atual edição apresentará, nas suas operações de formatação, as evidências do desenvolvimento histórico do texto, do seu momento original até o presente”.

¹⁰ Tradução livre: “que estuda os textos como formas registradas, assim como os processos de sua transmissão, incluindo sua produção e sua recepção”.

¹¹ Tradução livre: “o estudo da sociologia dos textos”.

¹² Tradução livre: “as razões pelas quais os textos foram escritos e lidos como foram, por que foram reescritos e reformatados, ou deixados morrer”.

Para McKenzie (1999 [1985]), a sociologia dos textos evidencia a ação humana sobre os textos, reconhecidos como produtos sociais. Essa disciplina faz emergir um novo conceito de texto, que admite as mudanças e as adaptações textuais como condições para que os textos possam ser lidos e inseridos em diferentes tempos e espaços, pois “las diferentes formas materiales de um texto y las intenciones a las que sirven, los textos tienen que ver con personas, lugares y tempos específicos”¹³ (MCKENZIE, 2005 [1985]:74). Dessa forma, reconhecer a relação entre materialidade e discursividade é pressuposto para a escolha de modelos editoriais que contemplem a materialidade do texto em perspectiva sócio-histórica, conforme se verifica a seguir.

2. A edição sinóptica em meio digital

As discussões a respeito das teorias editoriais põem em questão a prática editorial sobre os textos com múltiplas versões. Propondo-se ao estudo da obra como um produto social inscrito na história através do seu processo de transmissão, aprecia-se a possibilidade de “dar a ler todas as redações¹⁴” transmitidas pelas versões e de as colocar lado a lado (DIONÍSIO, 2006), em confronto sinóptico.

As novas abordagens surgem da impossibilidade de estabelecer textos cujas versões apresentam diferenças muito significantes (MOREIRA, 2011). Nesse sentido, a edição sinóptica (também chamada sinóptico-crítica) parece melhor se adaptar ao desejo de expor toda a história da tradição textual, sem hierarquização dos estados do texto. Através do confronto das versões, esse modelo editorial consiste

¹³ Tradução livre: “as diferentes formas materiais de um texto e as intenções as quais servem, os textos têm a ver com pessoas, lugares e tempos específicos”.

¹⁴ Como Dionísio (2006) considera a noção de texto uma abstração teórica, ele afirma que, o que de fato se edita e estuda na Crítica Textual são as redações, que transmitem múltiplas versões ou fases de criação e transmissão da obra.

En la reproducción simultânea (normalmente em páginas contrastadas o em columnas paralelas, verticales u horizontales) de la transcripción diplomática de todos y cada uno de los testimonios de la tradición de una obra¹⁵ (PÉREZ PRIEGO, 1997: 44).

Esse método não exclui, de todo, o modelo lachmanniano, pois comporta as atividades de *recensio* (coleta de testemunhos) e *collatio* (cotejo dos testemunhos para identificar os pontos em que há variação), embora não se considere adequado proceder às emendas (*emendatio*) em testemunhos que, de tão diversificados e autênticos, são mais bem definidos como versões (SOUZA, 2012: 189).

Se a edição sinóptica intenta reproduzir, “lado a lado, as lições de pelo menos dois diferentes testemunhos, com o objetivo expresso de as comparar” (DUARTE, [1997-], s.v. Edição Sinóptica), é a variação e a história do texto que são postas em evidência neste modelo. Trata-se, desse modo, de uma edição que é crítica e também histórica, “nela buscando-se demonstrar pontos em que tais versões se aproximam e se afastam” (BORGES; SOUZA, 2012: 38) através de notas e comentários explicativos, como o fez Barata (1979), em *Esopaida ou Vida de Esopo: Edição sinóptica e interpretativa*.

2.1 O meio digital e a utilização do *Prezi*

A complexidade desta proposta esbarra na dificuldade de apresentar um número grande de redações em formato de livro, cujos recursos tipográficos necessários para tanto refletiriam no preço de venda. É assim que Maria Morrás (1999) e João Dionísio (2006) propõem a relação entre Informática e Crítica Textual, sugerindo a edição sob a forma de Hipertexto, defendendo a sua “capacidade de armazenamento

¹⁵ Tradução livre: “na reprodução simultânea (normalmente em páginas contrastadas ou em colunas paralelas, verticais ou horizontais) da transcrição diplomática de todos e cada um dos testemunhos da tradição de uma obra”.

muito superior à do livro tradicional, leitura em confronto garantida pela formação de janelas, baixo preço” além da “possibilidade de resolver a pouca legibilidade do aparato, habitualmente impresso em corpo demasiado pequeno para a importância que tem” (DIONÍSIO, 2006).

Ressalte-se que não se trata de propor, para este trabalho, uma edição eletrônica, a qual é produzida com recursos tecnológicos que visam à construção de uma nova versão do texto (DEEGAN, 2006 apud LOURENÇO, 2009). A edição em meio digital, antes disso, é um trabalho filológico, que se realiza na ação do crítico sobre o texto e sua apresentação em meio eletrônico. Assim, busca-se a apropriação das ferramentas que o suporte eletrônico disponibiliza, indo além da utilização do meio digital como substituto do papel. Mais do que um novo suporte, o recurso eletrônico afeta as práticas de leitura contemporâneas, interferindo nas relações do objeto com seu leitor, que passa a ser interativo, bem como as práticas editoriais (CHARTIER, 2002).

A respeito das possibilidades oferecidas pelas tecnologias da comunicação e da informação, Lourenço (2009) destaca a plasticidade do arquivo eletrônico, que busca

favorecer a metaleitura e, por esse motivo, constituir o formato mais adequado à “radial reading”, permitindo representar a história da produção, transmissão e recepção dos textos de uma obra e de outros tipos de documentos (LOURENÇO, 2009: 251).

Não há dúvidas a respeito dos modos como um arquivo digital afeta as relações entre texto e leitor, e, conseqüentemente, criam uma nova prática de leitura, uma vez que possibilitam “la presentación sincronizada de textos, e imágenes y la creación de ediciones virtuales a través de la

Internet, de manera flexible y dinámica”¹⁶ (URBINA *et al*, 2005: 225).

O desejo de propor essa leitura radial, que expõe todas as versões do texto em relação, conduziu ao estabelecimento de um novo *software* como suporte para a realização dessa edição: o *Prezi*, que apresenta a possibilidade de exposição do conteúdo sob a estrutura de diagramas, permitindo a sistematização de informações e a realização de conexões entre eles. Semelhante ao formato de mapa mental, o *Prezi* permite que se exponha uma ideia nuclear no centro e apresentem-se suas irradiações com ideias associadas ao tema principal nas ramificações.

No preparo de uma edição de um texto com indícios de derivação radial, a exposição das versões de forma ramificada evidencia, ao mesmo tempo, a independência de cada versão e a conexão que ela estabelece com outras. Para essa proposta, o *Prezi* se apresentou como um dos suportes mais completos, por apresentar recursos diferenciais em relação aos demais *softwares* de apresentação de conteúdos, tais como a possibilidade de *zoom*, que permite que se explore a profundidade do documento, selecionando trechos que se desejam destacar; a constituição de um percurso de exposição dos conteúdos que seleciona as informações que serão expostas de cada vez, evitando que os elementos do texto sejam todos apresentados simultaneamente, de modo a sobrecarregar a página com informações; e o estabelecimento de conexões entre os conteúdos, que permite a exposição de duas ou mais informações que se desejam ver relacionadas.

Há ainda outras características de uso do *Prezi* que justificam a escolha desse suporte de edição. Além de possibilitar uma exposição radial dos conteúdos e de ter uma ampla dimensão lateral, vertical, e profundidade, o programa permite que se utilize a “página” em múltiplas orientações (vertical, horizontal, diagonal, circular etc.) e admite coexistência de múltiplas mídias (música, imagem, vídeo e texto) simultâneas.

¹⁶ Tradução livre: “a apresentação sincronizada de textos e imagens e a criação de edições virtuais através da Internet, de maneira flexível e dinâmica”.

No trabalho de edição de AM, foram produzidos, entre outros materiais¹⁷, dois arquivos em formato *Prezi*, nos quais constam as edições sinópticas do primeiro e segundo atos do texto:

FIGURA 1: Fac-símiles da edição sinóptica em *Prezi*:



¹⁷ Foram preparados ainda: uma edição fac-similar de *Apareceu a Margarida* e cronologia das versões, que expõe os fac-símiles dos testemunhos, acompanhados de suas respectivas descrições físicas; os *Arquivos da censura*, com fac-símiles de certificados e pareceres disponibilizados pelo Arquivo Nacional – Brasília; o Arquivo *Apareceu a Margarida*, com uma coletânea de textos de jornais e revistas, fotos e programas de espetáculos relativos a *Apareceu a Margarida*, reproduzidos do acervo pessoal de Roberto Athayde e da publicação de 1973.

A elaboração da edição em meio digital e impresso compreendeu algumas etapas específicas:

- a) Digitalização de imagens, textos e documentos diversos relativos à *AM*;
- b) Comparação das versões de *AM* com vistas ao estabelecimento de uma genealogia das versões;
- c) Descrição de todos os fac-símiles dos testemunhos;
- d) Apresentação e organização dos fac-símiles em ordem cronológica, utilizando-se da ferramenta de *zoom* para a exposição de todas as imagens simultaneamente;
- e) Transcrição dos testemunhos de *AM*;
- f) Organização das transcrições em forma de edição sinóptica, com confronto das versões, expostas lado a lado, em forma de diagrama;
- g) Preparo de notas de esclarecimento e destaque de trechos censurados, relacionando conteúdos dos arquivos através de miniaturas e utilização da ferramenta de *zoom*;
- h) Criação de percurso de leitura, que seleciona uma ordem lógica de exposição dos itens que compõem o arquivo.

Na edição sinóptica, optou-se por mostrar a diversidade textual em seus aspectos substantivos, tendo em vista o limite de tempo hábil para a pesquisa desenvolvida. Assim, apesar da edição aqui exposta apresentar as transcrições das versões lado a lado, sem hierarquizá-las, as únicas diferenças destacadas são as que se referem ao conteúdo do texto, desprezando-se, portanto, a diversidade de grafias. Por essa razão, realiza-se uma transcrição modernizadora das versões, obedecendo-se às convenções ortográficas atuais, evidenciadas em OP03 que é a versão mais atual do texto. Os fac-símiles disponíveis em meio digital permitiram ao leitor/navegador a possibilidade de leitura para verificar as características de cada testemunho de *AM*.

Considerações Finais

Através da concepção de textos como eventos sociais – e, por isso, inscritos e reinscritos em uma sociedade e em uma cultura em diferentes momentos da história, por meio das múltiplas versões – emergiram novas práticas editoriais e críticas que se consolidaram na ideia de que as variações que surgem no processo de transmissão devem ser compreendidas como modos de recepção (MOREIRA, 2011) das obras em determinado momento histórico.

Nesse sentido, o exercício da Crítica Textual, em perspectiva sociológica, contempla edições que considerem as particularidades de cada versão. Fez-se pertinente, então, preparar uma edição de *AM* que expõe as versões do texto em confronto sinóptico. Para isso, a utilização do recurso digital foi uma alternativa que possibilitou a exposição de uma grande quantidade de dados sincronizados e relacionados. A opção pelo *software Prezi* para a edição sinóptica de *Apareceu a Margarida* possibilitou ao usuário uma exposição de conteúdos dinâmicos e em interação, sem que isso sobrecarregasse a página de leitura, pois os dados são apresentados um a um, conforme percurso de exposição configurado pelo editor ou pelo leitor.

Por fim, frente aos estudos aqui desenvolvidos, faz-se uma defesa da ideia de que “tudo é histórico, social e político, mormente os textos, que são sempre de um lugar e de um momento” (BARBÉRIS, 2006 [1990]: 181). Este pressuposto sustenta a existência da historicidade e da socialidade das produções humanas, que ensejam a prática filológica como crítica humanística orientada por diretrizes histórico-culturais, que fazem da Filologia uma disciplina histórica, social e política.

Referências

ATHAYDE, Roberto. **As peças precoces:** *Apareceu a Margarida e outras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

BARATA, José Oliveira. **Esopaida ou Vida de Esopo**: edição sinóptica e interpretativa. Coimbra: Acta, 1979.

BARBÉRIS, Pierre. A sociocrítica. In: BERGEZ, Daniel et al. **Métodos críticos para a análise literária**. Tradução Olinda Maria Rodrigues Prata. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1990]. cap. 4. p. 143-182.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento. Filologia e Edição de Texto. In: BORGES, Rosa et al. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 15-59.

CASTRO, Ivo. **Enquanto os escritores escreverem...** (Situação da crítica textual moderna). In: CONGRESSO DA AFAL, 9., Campinas, 1990. Conferência... Campinas: UNICAMP.

CONTINI, Gianfranco. **Esercizi di lettura sopra autori contemporanei con n'appendice su testi non contemporanei**. Firenze: F. Le Monnier, 1947.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

DIONÍSIO, João. **Ab la dolchor del temps novel ?**. In: ENCICLOPÉDIA E HIPERTEXTO. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2006. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/jdionisio/index.html>>. Acesso em: 16 fev. 2013.

DUARTE, Luiz Fagundes. A maldição do manuscrito autógrafo. **Qvinto Império**: Revista de Cultura e Literatura de Língua Portuguesa, Salvador, n. 5, p.87-96, 2. sem. 1995.

GASKELL, Philip. **A New Introduction to Bibliography**. Oxford: University Press, 1972.

GREG, Walter. **The Rationale of Copy-Text**. Oxford: Maxwell, 1966 [1950].

LOURENÇO, Isabel Maria Graça. **The William Blake Archive**: da gravura iluminada à edição eletrônica. 2009. 490 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Cap. 3. p. 181-247.

MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e crítica textual. In: ALVES, Fernanda Mota *et al.* (Org.). **Filologia, Memória e Esquecimento**. Act. 20. Lisboa: Húmus, 2010. p. 355-367.

MCGANN, Jerome. **A Critique of Modern Textual Criticism**. Chicago, University of Chicago Press, 1983.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliography and the Sociology of texts**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1999 [1985].

MOREIRA, Marcelo. **Crítica Textualis in Caelum Revocata?:** uma proposta para edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: EDUSP, 2011.

PASQUALI, Giorgio. **Storia della tradizione e critica del testo**. 2. ed. Milão: Mondadori, 1952 [1934].

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. **La edición de textos**. Madrid: Síntesis, 1997.

SOUZA, Arivaldo Sacramento. Edição sinóptica. In: BORGES, Rosa et al. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 185-217.

URBINA, Eduardo et al. **La edición variorum eletrônica del “Quijote”**. Castilla: Universidad de Castilla – La Mancha.; Texas: Center for the Study of Digital Libraries, Texas A&M University, 2005. Disponível em: <<http://cervantes.tamu.edu/V2/variorum/publ.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2013.

ZELLER, Hans. A New Approach to the Critical Constitution of Literary Texts. **Studies in Bibliography**, v. 28. Virginia: University of Virginia Library, 1975. p. 231-264. Disponível em: < <http://etext.lib.virginia.edu/etcbin/toccersb?id=sibv028&images=bsuva/sb/images&data=/texts/english/bibliog/SB&tag=public&part=9&division=div>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

Recebido em 10/10/2016 e aceito em 06/12/2016.